

Banco Central avisa que 'não hesitará' em elevar juro para conter inflação

Política monetária Mudança de tom

BC diz que 'não hesitará' em elevar os juros para controlar a inflação

Ata da última reunião do Copom fala em cenário interno e externo 'desafiador', o que exigiria 'ainda maior cautela'; documento teve endosso de todo o colegiado

O Banco Central endureceu o discurso sobre a condução da política monetária, ao dizer que "não hesitará" em elevar a taxa de juros "para assegurar a convergência da inflação à meta se julgar apropriado". A mensagem está na ata referente à última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), realizada na semana passada, que terminou com a manutenção da Selic em 10,5% ao ano.

A mudança de tom levou parte dos agentes de mercado a reconhecer que o comitê deixou uma porta aberta para uma possível elevação do juro

à frente, como citaram casas como Bradesco e Itaú Unibanco, enquanto a XP Investimentos avaliou que a chance de alta da Selic "está subindo". Ainda assim, a estimativa predominante no mercado é de manutenção dos juros no atual patamar até o fim do ano (*mais informações na pág. B2*).

O texto da ata não trouxe nenhuma indicação para a próxima reunião do colegiado, em setembro. Mas diz que o cenário atual é "marcado por projeções mais elevadas e mais riscos para a alta da inflação" e que isso "é desafiador". "O co-

mitê avalia que o desenrolar do cenário será particularmente importante para definir os próximos passos de política monetária", diz trecho da ata.

Fiscal
Texto voltou a frisar que equilíbrio fiscal é um aliado do BC para controle da inflação

Segundo o documento, a avaliação é de que a política monetária se manterá contracionista por tempo suficiente em pa-

tamar que não só consolide o processo desinflacionário, como também a ancoragem das expectativas (ou seja, até que as estimativas do mercado fiquem mais próximas das metas oficiais). "O comitê, unanimemente, optou por manter a taxa de juros inalterada, destacando que o cenário global incerto e o cenário doméstico marcado por resiliência na atividade, elevação das projeções de inflação e expectativas desancoradas demandam acompanhamento diligente e ainda maior cautela."

O BC e seu atual presidente,

Roberto Campos Neto, têm sido alvo constante do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que reclama da manutenção de juros altos. Lula também já acusou Campos Neto de "ter lado político" (ele foi indicado ao BC pelo ex-presidente Jair Bolsonaro) e de trabalhar "contra o Brasil". Mas tanto a decisão da semana passada quanto o texto da ata tiveram o endosso de todos os diretores do BC, mesmo os já indicados por Lula.

A questão fiscal não foi deixada de lado no texto do BC. A ata destaca que a percepção recente do mercado traz impactos relevantes em ativos e nas expectativas. "O comitê reafirma que uma política fiscal crível e comprometida com a sustentabilidade da dívida contribui para a ancoragem das expectativas de inflação e para a redução dos prêmios de risco dos ativos financeiros, consequentemente impactando a política monetária." ● CÉLIA FROUFE e FERNANDA TRISOTTO/BRASÍLIA

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios Caderno: B Pagina: 1